

GRANDES E PEQUENOS

Uma Briga

Estudando o problema da pequena estatura do nordestino, Nelson Chaves (1) menciona algumas implicações responsáveis pelo fenômeno, partindo do ponto de vista de Boas de que a estatura depende das condições do meio. Lembra ainda o cientista pernambucano ser incontestável o papel da genética na determinação da estatura, acrescentando que o fator luz, atuando através do sistema hipotálamo-hipofisário pode, também, não somente limitar o crescimento como até mesmo antecipar a puberdade. Daí a observação de Marcgrave de que "os índios brasileiros, de largas espáduas, bem construídos, porém de estatura medíocre", apesar de bem alimentados e por isso - afirma Nelson Chaves - parece-nos razoável admitir que a luz, através do mecanismo anteriormente descrito, tenha retardado o crescimento de vez que os nossos silvícolas andavam nus e habitavam o trópico na sua maioria. Mas, na opinião do nutrólogo Rui Coutinho, também de gabarito internacional, a sub-nutrição é que é responsável pela baixa estatura da maioria da população que habita as regiões Norte e Nordeste do país. Talvez a ausência do peixe e de crustáceos na mesa do sertanejo, que vive mais ao sol do que os habitantes da orla marítima, tenha alguma coisa a ver com o assunto.

Temos, assim, a genética, o meio, a luz, a alimentação, responsáveis pelos baixinhos nacionais, principalmente do Norte/Nordeste.

Vejamos, depois deste rápido mergulho no mundo maravilhoso da Ciência, como o povo enfoca, à sua maneira, o problema do homem de baixa estatura e do homem de estatura anormal.

É voz corrente na zona rural do Nordeste, conforme Paulo de Carvalho-Neto (2) constatou em Sergipe e eu tive a ocasião de registrar na Zona da Mata de Pernambuco, que "uma urupema colocada na cabeça de uma criança impede o crescimento" e muita gente não cresceu porque foi enguiçado, isto é, quando deitada no chão foi pulada por outra pessoa. Eu me lembro que na escola ninguém podia passar por cima de um companheiro que estivesse deitado no chão. Assisti a muitas brigas, quando menino. Passar por cima de um companheiro deitado no chão (o que facilmente acontecia nas peladas) era condená-lo a não crescer mais, a ficar nanico. E só havia um remédio capaz de desmanchar o mal: passar, na mesma hora, em sentido contrário. A mesma coisa acontece com quem entra numa barrica. Fica sem crescer normalmente.

O povo zomba muito mais do homem pequeno do que do grande de mais. Todo o mundo sabe que homem pequeno é sempre teimoso, embirrento, persistente em suas afirmativas, nunca chegando a um acordo quando participa de uma discussão. Também dizem que mulher pequena tanto é braba quanto doce no amor.

A verdade é que o nosso baixinho sofre muito. Alvo das mais injustas chacotas, muita gente afirma que homem pequeno só serve para levar recado de rapariga, segurar (servir de cabide) paletó em briga, catar carrapato em barriga de jumento, montar em carneiro e cheirar peido em samba. Uma quadra popular, muito conhecida no Nordeste, diz que:

Quando Deus andou no mundo
deixou grilo e gafanhoto
e deixou homem pequeno
pra cheirar o cu dos outros.

Quando um homem de estatura normal é desacatado por um amostra-grátis, costuma, quase sempre, revidar de seguinte maneira:

- "Quero brigar com você, não, seu Zé! Pai sempre me ensinou que faz mal e nunca deu certo brigar com menino!"

Na cidade grande também é muito comum, em idêntica situação, esta resposta, um tanto mais erudita:

- Prá você brigar comigo cresça e apareça, seu escada-de-colher-maxixe!

A propósito do homem pequeno ser embirrento, persistente em suas afirmativas, o escritor Gilson Melo me contou esta estória de João-da-Barraca, quarenta e cinco anos, moreno, bigodes de guidon de bicicleta, dono de uma barraquinha no largo de Dois Irmãos, no Recife:

"Diz que um batoré morava num lugar onde vivia um homem bem alto, forte e que tinha o apelido de Tesoura por ter as pernas muito compridas. Certa vez os dois, que não eram lá muito amigos assim como o gato e o rato, se encontravam na beira de um açude. De longe, o baixinho foi logo gritando:

- Tesoura!

Não foi difícil o grandalhão correr atrás do cabo-de-formão e pegá-lo pela beca, logo debaixo de tapa.

- O que foi que você disse, seu coisa?

- Tesoura!

O grandalhão não teve dúvida e, como quem vai ali e já volta, pegou o meia-missa ela beca e fez com que ele tomasse um mergulho na água fria do açude. Depois de deixá-lo submerso durante uns dois minutos fez a mesma pergunta:

- Que foi que você disse, seu pinóia?

- Tesoura!

O espanador-da-lua agarrou sua vítima e, mergulhando-a diversas vezes, fez-lhe a mesma pergunta e obteve a mesma resposta:

- Tesoura!

Já perdendo a paciência, sem saber mais o que fizesse, o galalau tornou a pegar o baixinho já cansado e meio esmorecido de tanto apanhar e beber água, e resolveu mesmo afogá-lo. Mas sua consciência começou a doer e foi quando mergulhou o pinéu novamente, fazendo-lhe a mesma pergunta pela última vez:

- O que foi que você falou, seu tamborete-de-forró?

E o pobre do baixinho, quase afogado, com a barriga cheia d'água, mais morto do que vivo, sem força nem para ficar em pé, perdeu o equilíbrio e caiu no açude. Reunindo todas as forças que ainda restavam, ainda conseguiu responder, botando uma mão fora d'água e fazendo um X com o indicador e o maior-de-todos".

O povo, com sua sabedoria e através de seus provérbios, também registra as qualidades positivas e negativas do baixinho e do grandão. Consegui registrar os seguintes ditos populares que muito dizem da briga entre eles:

Os galaláus costumam dizer, fazendo troça dos baixinhos:

- Homem pequeno, coração ao pé da boca.
- Homem pequeno, pote de veneno.
- Homem pequeno e mulher com cabelo na venta nem o diabo agüenta.

Os baixinhos, por sua vez, revidam:

- Tamanho não é documento.
- Tanto maior é o pau quanto maior é a queda.
- Cavalo grande, besta de pau.
- Os homens não se medem por palmos, mas pelas atitudes.
- De homem para homem não vai diferença de palmo.
- As melhores essências são contidas nos pequenos frascos.

E os grandes venenos, acrescentam os grandalhões, que ainda gozam os baixinhos usando ditos e comparações como: Mais baixo do que gilete no ladrilho. Mais baixo do que bunda de sapo. Tão baixinho que, ao ser ofendido, não fica diminuído porque desaparece. Tão baixo que para cuspir tem que subir numa escada. Tão baixo que, na farmácia, ao comprar um sorrisal, o balconista pergunta: - "Quer que embrulhe ou vai mesmo rodando?", segundo a folclorista Maria Alice Merheb, de Ponte Nova, Minas Gerais.

Há, também a inconveniência de ser baixinho ou grandalhão, inconveniência que, entre as mulheres, foi registrada por Otacílio Batista (3) na sua célebre embalada Os piores defeitos da mulher:

"A mulher baixa
não serve para ninguém
porque altura não tem,
parece um toco no chão.
É muito boa
para dar pitomba no vento,
tirar carga de jumento
forrar cama do patrão.

A mulher alta,
de dois metros para cima,
ainda sendo minha prima
eu não dou valor a ela.
Gostei de uma
no brejo de Camutanga
me subi num pé de manga
para dar um beijo nela".

Sempre houve essa cordial rivalidade entre batorés e galaláus, rivalidade que encontra na mulher uma das suas principais causas. É que as mulheres sempre preferiram os homens de grande porte, não se estabelecendo uma pueril relação entre estatura e sexo ou mesmo porque o homem, como chefe de família tenha que fisicamente protegê-la. As mulheres, por sua vez, também se sentem diminuídas quando exibem um marido pequeno à sociedade. E quando o povo vê uma mulher casada com um homem pequeno costuma chamar o casal de ponto-e-vírgula.

Até mesmo na música popular brasileira vamos encontrar crítica à mulher pequena e à

mulher grande. Como exemplo, temos uma marcha, não sei se de carnaval e nem seus autores, que explora o assunto da seguinte maneira:

"As mulheres grandes
são as grandes mulheres,
são elas que os homens preferem.

O tipo médio,
meu amigo, ainda passa.
Mulher pequena,
eu não quero nem de graça.

Tereza tem um metro e quarenta,
Maria tem um metro e sessenta,
porém, a mulher que me tenta
é a de um metro e noventa!"

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHAVES, Nelson. Alimentação e Saúde Pública. Recife, Imprensa Oficial, 1948.
2. CARVALHO-NETO, Paulo de. Folclore Sergipano. Porto (Portugal), Museu de Etnografia e História, 1970.
3. BATISTA, Otacilio. Os Piores Defeitos da Mulher, embolada constante do LP nº 60.065, gravação Passarela (Rozenblit), Recife, 1973.

Fonte: MAIOR, Mário Solto. *Galalaus e batorés*. Recife: Ed. Universitária, 1981. 73p.